

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra



Editorial

Quantas e quantas vezes nos interrogamos acerca da fome que persiste manter de vazias barrigas vidas e corações de tantas e tantos por este mundo! Quantas vezes nos comovemos com imagens de gente esfomeada de tudo, ou quase tudo, famintas não apenas de pão mas também de humanidade, de dignidade, famintas de se sentirem gente entre gente, cansadas da miséria humilhante e degradante a que foram votadas, do abandono a que foram relegadas e do esquecimento maquiavélico de que foram objecto! E isso não acontece apenas e só lá longe, por detrás das câmaras e das objectivas de quem fez disparar uma máquina fotográfica, no distante dos nossos olhares mas, também, tantas vezes, mais das que deveriam ser, bem mais perto das nossas abundâncias e farturas!

E lá vem Deus ao barulho como que de um criminoso ou culpado se tratasse ou como um insensível, abstraído do mundo e dos homens que Ele próprio criou! É bem mais fácil arranjar um “bode expiatório” que assuma todas as culpas e seja acusado por uma inércia de que não é autor!

É bem mais fácil apontar o dedo a Deus e culpabilizá-Lo por aquilo que o “nós” humano ainda não foi capaz de exercer, por aquilo que ainda não foi feito porque não há vontade de o fazer ou, pior ainda, porque permanecemos na ideia de que “isso não é nada comigo”. E enquanto assobiamos para o lado, muitos perdem o fôlego para gritar que são gente e cansam-se de ter a mão estendida: já perderam tudo!

E, no monte desta humana vida, Jesus continua a compadecer-Se de uma multidão faminta e cadavérica e a ordenar aos discípulos que dêem de comer! O pior é que ninguém se quer desfazer dos seus cinco pães e dois peixes! Estamos demasiado aprisionados aos nossos confortos, às nossas “reservas”: o pão de cada dia não nos chega! Queremos o de hoje, o de amanhã, o do mês e anos, mesmo que isto nos custe um punhado de bolor! Tantas vezes preferimos “embolorar” os nossos “pães” e deixar apodrecer os nossos “peixes” do que fazer deles milagre: o milagre acontece não dispensando o todo e o tudo de cada um! Mais do que a bênção do Mestre, o decisivo é a partilha de totalidade do ser e ter de todos e de cada um, o sentido do ser-se humano com os “desumanos”. O grande e verdadeiro milagre é mesmo esse!

Cinco pães e dois peixes! $5+2=7$: de todos e para todos... e ainda sobra pois é perfeição!

Que tal participarmos nesta soma?

Pe. Norberto Brum,

Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Jovem italiano canonizado em Roma a 14 de Outubro

O Papa Francisco anunciou no passado dia 19 de Julho durante um Consistório Ordinário Público no Vaticano, que vai canonizar a 14 de Outubro o Beato Nunzio Sulprizio, juntamente com os já previstos Beatos Papa Paulo VI e D. Oscar Romero.

Nunzio Sulprizio (1817-1836), natural da Província de Pescara, viveu apenas 19 anos sendo conhecido como um exemplo para os mais novos, pela sua “fé inabalável” e a sua força de vontade no meio das adversidades.

Órfão desde cedo, foi criado pela sua avó materna que viria também a falecer quando Nunzio tinha apenas 9 anos de idade. Foi então entregue à guarda de um tio, que apesar da sua tenra idade colocou-o logo a trabalhar como ferreiro e marceneiro.

“Sem poder frequentar a escola, foi obrigado a trabalhar inclusive quando ficou doente, com uma gangrena na perna”. Nunzio Sulprizio acabaria por ser adoptado por uma família de Nápoles, mas “já era demasiado tarde”, pois a sua saúde tinha-se deteriorado irremediavelmente.

“Mesmo no meio da dor”, “Nunzio deu testemunho de uma fé inabalável”.

“Jesus sofreu muito por mim. Por que não posso sofrer por Ele?”, dizia o jovem que entregava a sua vida a Deus e pela conversão dos outros, “mesmo que fosse por um único pecador”.

A morte acabaria por chegar em Maio de 1836, depois do jovem, já acamado, “pedir o crucifixo e receber os sacramentos”.

De acordo com os relatos da altura, atestados pela Santa Sé, o seu corpo, entretanto “desfigurado pela doença, começou a exalar um perfume de rosas, tendo ficado exposto durante cinco dias”.

Após ter sido sepultado, o seu túmulo tornou-se desde logo um local de peregrinação.



No caminho para a canonização, Nunzio Sulprizio foi declarado como modelo para os mais novos, em particular para os jovens trabalhadores, através de um decreto de “heroicidade das virtudes” aprovado pelo Papa Leão XIII.

No dia 7 de Março de 1963, a Santa Sé avançou para a beatificação do jovem italiano, depois da promulgação do decreto de aprovação dos milagres que eram necessários para este reconhecimento, tendo sido beatificado, a 1 de Dezembro.

Recorde-se que, neste mesmo dia, 14 de Outubro, o Papa Francisco vai canonizar, não só o Beato Nunzio Sulprizio mas também o Papa Paulo VI, que liderou os destinos da Igreja Católica durante 15 anos, e D. Oscar Romero, antigo arcebispo de El Salvador, morto a tiro em 1980 pela junta militar que então dominava o país, bem como os padres Francesco Spinelli e Vincenzo Romano e as religiosas Maria Catarina Kasper e Nazária Inácia de Santa Teresa de Jesus.

Palavra de Domingo

XVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

1ª Leitura

2 Reis 4,42-44

«Comerão e ainda há-de sobrar»

2ª Leitura

Efésios 4,1-6

«Um só Corpo, um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo»

Evangelho

São João 6,1-15

«Distribuí-los e comeram quanto quiseram»

A Palavra que Deus nos oferece neste 17º Domingo do Tempo Comum dá-nos conta da preocupação que Deus tem em saciar a “fome” de vida dos homens.

As leituras deste Domingo dizem-nos que Deus conta connosco para repartir o seu “pão” com todos aqueles que têm “fome” de amor, de liberdade, de justiça, de paz, de esperança.

Na primeira leitura, o profeta Eliseu, ao partilhar o pão que lhe foi oferecido com as pessoas que o rodeiam, testemunha a vontade de Deus em saciar a “fome” do mundo; e sugere que Deus vem ao encontro dos necessitados através dos gestos de

partilha e de generosidade para com os irmãos que os “profetas” são convidados a realizar.

O Evangelho repete-nos a mesma ideia: Jesus, o Deus que veio ao encontro dos homens, dá conta da “fome” da multidão que O segue e propõe-Se libertá-la da sua situação de miséria e necessidade. Aos discípulos, aqueles que vão continuar até ao fim dos tempos a mesma missão que o Pai lhe confiou, Jesus convida a despirem a lógica do egoísmo e a assumirem uma lógica de partilha, concretizada no serviço simples e humilde em benefício dos irmãos. É esta lógica que permite passar da escravidão à liberdade; é esta lógica que fará nascer um mundo novo; o milagre gerou-se porque a partilha aconteceu, e o grande milagre é mesmo o da partilha, do sentido dos outros.

Jesus não cria pães e peixes a partir de nada. Cria-os a partir dos cinco pães e dois peixes do rapazito, a partir do pão dos pobres! Ao multiplicar os pães e os peixes, Jesus multiplica o dom do rapazito. Mas é ridículo alimentar uma multidão de cinco mil homens com tão pequena quantidade. Mas uma pequena quantidade pode ter um valor infinito. Jesus não



olha como nós. O nosso olhar deve ser como o de Jesus. Quando damos amor, amizade, um pouco do nosso tempo ou simplesmente um sorriso, quando procuramos respeitar o outro, sem o julgar, quando fazemos um caminho de perdão... Jesus serve-Se desse pequeno pouco para construir connosco, pacientemente, dia após dia, o seu Reino.

Na segunda leitura, Paulo lembra aos crentes algumas exigências da vida cristã. Recomenda-lhes, especialmente, a humildade, a mansidão e a paciência: são atitudes que não se coadunam com esquemas de egoísmo, de orgulho, de auto-suficiência, de preconceito em relação aos irmãos.

Pergunta, que nós respondemos



E então amigo? Essas férias? Estão a correr bem?
Viva, amigo! Estão a correr bem! A conversa que tivemos na passada semana fez-me muito bem! Valeu muito!

Oh que maravilha! Fico feliz por ouvir isso. As nossas conversas aqui partilhadas são para isso mesmo, para nos ajudarmos mutuamente e, claro, para ajudar os nossos amigos leitores, pois é por eles e para eles que estamos aqui em “Afetos”...

As nossas conversas têm-me feito muito bem... sabes, na passada semana partilhamos algumas ideias sobre as férias, nomeadamente o “aproveitar” mais a companhia e presença da família, o “esquecer” um pouco as tecnologias e partir para o pessoal, e a leitura de um livro, até me sugere a Exortação do Papa Francisco “Alegrai-vos e Exultai”, do sobre o chamamento à santidade no mundo actual

E então? Começaste a ler?

Comecei! Julguei o tema muito oportuno para estes dias. Aliás, quase que vem na linha do nosso Congresso de Juventude que ainda há pouco vivemos.

Muito bem! Ótimo! E do que já lestes o que achaste?

Embora não tenha lido muito ainda, posso dizer-te que está a ser apaixonante: quando leio até parece que estou a ouvir o Papa a pronunciar aquelas palavras... é muito simples e acessível, mesmo ao estilo do Papa Francisco.

É verdade! O nosso Papa escreve de uma forma muito simples e num estilo muito comunicativo. Mas, conta lá o que já leste?

Olha, é tudo tão profundo e bonito que prefiro transcrever.

Muito bem! Força.

No nº 6 o Papa diz assim:

“Não pensemos apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus, porque «aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente». O Senhor, na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo”.

É muito bonito ler e escutar isso!

É verdade! Por vezes pensamos que isso de ser santo é para só para alguns, até parece que já nasceram “santos” ou predestinados a isso, e o Papa diz-nos que



“Deus derrama a santidade por toda a parte” e mais, que “ninguém se salva sozinho”.

E ele continua, já no nº 7:

“Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade «ao pé da porta», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da «classe média da santidade”.

Que maravilha! O Papa fala-nos da santidade no aqui e agora da nossa vida, da santidade das pequenas coisas e dos pequenos gestos e sinais...

E às vezes pensamos que a santidade é algo de “pós-morte”, quando, como nos diz o Papa, ela acontece e manifesta-se de tantas formas aqui e agora!

Mas já no nº 8 o Papa Francisco começa a “provocar-nos, né?”

Sim, sim, aliás, ele é um “provocador nato!...”

“Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes deste povo que «participam também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade». Como nos sugere Santa Teresa Benedita da Cruz, pensemos que é através de muitos deles que se constrói a verdadeira história: «Na noite mais escura, surgem os maiores profetas e os santos. Todavia a corrente vivificante da vida mística permanece invisível. Certamente, os eventos decisivos da história do mundo foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais nada se diz nos livros de história. E saber quais sejam as almas a quem devemos agradecer os acontecimentos decisivos da nossa vida pessoal, é algo que só conheceremos no dia em que tudo o está oculto for revelado”.

Este é um convite directo a todos e a cada um de nós: deixarmo-nos estimular e contagiar pelos sinais e testemunhos de santidade que nos vêm do povo de Deus...

Nos números 10 e 11 o Papa diz-nos o que nos quer recordar com esta Exortação.

E que diz ele?

“O que quero recordar com esta Exortação é sobretudo a chamada à santidade que o Senhor faz a cada um de nós, a chamada que dirige também a ti: «sede santos, porque Eu sou santo» (Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16). (...) Por isso, uma pessoa não deve desanimar, quando contempla modelos de santidade que lhe parecem inatingíveis. Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor predispôs para nós. Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal (cf. 1 Cor 12, 7), e não se esgote procurando imitar algo que não foi pensado para ele. Todos estamos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho. (...) A vida divina comunica-se «a uns duma maneira e a outros doutra”.

É tão bom ouvir isso, perceber que a santidade é um caminho que percorremos, vivendo-a na nossa própria vida e realidade, não “copiando” ninguém mas sendo como que “originais”!

Também percebi isso: os testemunhos são importantes mas como forma de percebermos que é possível viver a santidade, o que é preciso, e como bem diz o Papa, é que cada um de nós faça o discernimento do caminho que deve seguir.

Isso mesmo! Este Papa é mesmo desafiante!

Estou a gostar imenso de ler esta Exortação. Pensava, talvez como muitos, que estes “escritos” eram para os padres, religiosas e religiosos e para mais uma meia dúzia de pessoas, mas afinal, enganei-me! Obrigado pela sugestão!

Li apenas até ao nº 13. Vou continuar a ler e na próxima semana dou conta do que li. Pode ser?

Claro! Também estou a ler! Li mais um pouco mas vou aguardar por ti!

Fica combinado! Até lá, boa leitura!

Ok. Combinado! Boa leitura para ti também.

Esta conversa foi muito interessante! Se calhar, também tu, leitora e leitor amigo, podias acompanhar-nos nesta leitura!

Fica a proposta!

Até para a semana. Aquele abraço amigo! Com AFE-TO!

ORAÇÃO - POEMA

Partilhar multiplica



O maior milagre que fizeste
Foi mudar o coração da gente,
E assim, partilhando o que todos tinham,
Foi realidade haver comida para todos.

É este o trabalho que nos ofereces,
Perseverar nesta mesma forma de agir,
Encorajando a partilha do que temos
E que ninguém chegue a ter coisas a mais.

Isto pode parecer fácil, Senhor,
E vemos bem que é preciso partilhar.
A verdade é que o que temos nos sobra,
E acumulamos demasiado para viver.

Jesus, Tu tomaste o pão de alguns
E o peixe que outros Te ofereceram,
E, ao juntá-los e partilhá-los com justiça,
Houve de comer para todos, e até sobrou.

O milagre dos pães e dos peixes
Acontece mil vezes cada dia,
Sempre que alguém empenha o coração
Em viver com justiça, fraternidade e amor.

In: Apalavra do Domingo – Álvaro Ginel, Mari Patxi Ayerra (Edições Salesianas)

PARA REFLECTIR...

“Ama e faz o que quiseses. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.”

Santo Agostinho